PQ 9261
.M 3855
N 3
1924

A NAU QUE VAI A' VELA

29261
M3855
N3
1924

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.M3855
N3
1924

00004440527

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

A Murilo de Araujo, em testemunho de admiração e sympathia pelo seu bello espirito de Artista, of.

Rio - 14 - 11 - 924

Amaral Mattos.

Av. Th. Valladares 17.

A NAU QUE VAI Á VELA

TYPOGRAVURA TEIXEIRA--Praça João Lisboa, 4--S. Luiz do Maranhão

A NAU QUE VAI A' VELA

C
PBH
PQ 9281
.M3555
N3
1924

AMARAL MATTOS

Nau que vai á vela

S. LUIZ DO MARANHÃO
1924

... Correu mais o desejar
que a nau que vai á vela.

(Cantiga do Crisfal)

A NAU QUE VAI A' VELA

(FRAGMENTO

A PARTIDA

Ella ficou por muito tempo olhando
as aguas mansas da bahia...
Longe, na curva azul do mar, fugia
uma vela...
— Adeus! — ...E murmurou quasi chorando
umas palavras tristes, sem sentido,
para o mar, para a tarde, para a vela
que alem, ao longe, desapparecia,
branca, tão branca como o lenço d'ella,
alva, tão alva como o seu vestido!

MAR ALTO

O vento é suave, é brando o mar, a noite é
calma...
Soluçam mansamente os velhos sinos da alma
longe, muito longe,
no campanario da saudade...

Mar, ó monge
de alvo burel de espumas fluctuantes!
vai murmurando ao meu ouvido as preces
soluçantes
com que adormeces
e enches de encanto e de felicidade
a minha vida. .

— Era uma vez...
Quem sabe se ainda existe ?...
O meu amor era tão triste !
— Adeus ! — ...Disse-me assim á despedida...
Quem sabe se ainda a encontrarei ? Talvez..

Por que é que a gente
vai procurar tristezas quando está contente ?

Mar, das tuas entranhas
oiço que veem umas canções extranhas...
E' o destino a enganar na voz de uma sereia...

Mesmo sendo feliz,
o navegante segue a miragem que diz
o segredo que o enleia
e que o prende, afinal, pelo resto da vida...

A illusão, para nós, é como uma gaivota
que no mar alto o nauta cruza na sua rota...

BORRASCA

Bebedo, em convulsão,
bufa o mar, açoitado pelos ventos...
Pragueja a voz do rispido trovão,
pondo em precipitada correria,
pela amplidão,
bandos de nuvens desgrenhadas...
A chuva do alto se derrama, fria...
Riscam o céo fuzis sanguinolentos...
Soam sinistras badaladas
de um longinquo carrilhão...

Na horrivel explosão
da batalha febril dos elementos,
vi ao largo passar a multidão dos mastros,
partidos, ostentando os farrapos das velas,
como sombras esguias caminhando
á incerteza dos ventos,
á mysteriosa luz dos astros...

E vi talhar o oceano a quilha dos galeões,
enormes, opulentos,
de norte a sul, perdidos, acossados
pela furia brutal das turbidas procellas,
e as galeras, e as naus solemnes, auguraes,
como antigas, pesadas cathedraes,
á flor das ondas boiando
em mil pedaços desfeitas...

E vi phantasticas legiões
de fragatas, correndo a portos ignorados...
Vi, todo o immenso mar coalhando, as caravelas!
E ouvi, nas solidões, subir o coro
formidavel, confuso, louco,
de ambições insatisfeitas
de marujas tambem phantasticas, chorando,
imprecando,
raivando !...
Ouvi no oceano a voz da Patria e o grito rouco
da sede de oiro...
E emquanto a glauca fauce o monstro abria,

eu, na minha afflicção,
lhe dirigia
esta oração :

— Espirito Creador, oceano, ó mar fecundo !
tu, que em noites de luar, pelas praias desertas,
tens mysterios de dor nos impetos das ondas,
tu, que bravio roncas
e recitas de encontro ás penedias broncas
apostrophes hediondas !
tu, que pollues, brutal,
a gloriosa nudez da terra pelo mundo,
beijando-lhe as incertas,
alvas fórmas, como um deus senil e sensual,
tu, que nessa revolta és todo destruição,
anniquila tambem meu pobre coração !

DEPOIS DA PROCELLA

A' tarde a viração se abranda e a nau,
livre de furia hostil do vento mau
que em vagalhões mudara a placidez
das ondas mansas do tranquillo oceano,
de novo entra a vogar serenamente...
A marinhagem rude no convez
se apinha e, presto, o recolhido panno
alça. O horizonte calmo, de bonança,
é a lenta agonia do sol-posto...
Ha sorrisos de fé em cada rosto
que ancioso se debruça ás amuradas,

indagando o segredo
de alegria ou de dor
que ha de cada um levar ao novo porto,
á terra promettida do seu sonho
ou, pelas aguas, morto,
conduzir ao degredo
da eterna somnolencia...

Accende a noite estrellas pelo azul...

A que céo, a que mar, a que tristonho
e mysterioso Alem a nau conduz
a incerteza dos fados,
a maldicta inclemencia
dos ventos rebellados ?

E segue a nau de velas enfunadas
emquanto, triumphalmente,
pela gloria da noite constellada,
como um symbolo immenso de esperança
e de infinito amor,
abre os braços de luz
o Cruzeiro do Sul..

O ULTIMO FAUNO

Assim.. quero-te assim nessa brancura astral,
inteiramente nua, a coma desnastrada,
toda accesa em volupia a carne palpitante,
flor de neve aromal,
numa estranha floresta em nympha transformada...

Assim... quero-te assim numa visão antiga,
rolando pela relva,
doida de amor, a anciar pelo sagrado instante
em que eu, bruto caprino, aos berros te persiga
pela intrincada selva,
surgindo da espessura em doida disparada,
gaita aos labios de fogo, incendido e feroz

e vá, por meu prazer, perturbado, tentar
apertar-te em meu peito, em meus braços potentes
cingir-te o corpo ideal, vendo-te desmaiar,
babujando-te, a rir, os alvos seios quentes
num estupido amor, num amor longo e atroz !

Assim... quero-te assim, de um lago azul á beira,
profanando e beijando a carne tua inteira...
Havemos de gosar nesse momento augusto :
tu, nos meus braços, nympha, a estremecer de
susto,
eu, nos teus braços, fauno, entre caricias loucas,
— confundidos num só, ligadas nossas boccas !

E, á alvorada resoante, has de fugir, saciada,
emquanto soltarei meu berro vencedor,
que ha de o echo abalar de quebrada em que-
brada,
proclamando a victoria olympica do amor !

NENIA

Soluços nas ramadas...
Choro de prata do luar gelado
pela pradaria silente...
Agoniza Narciso, debruçado
sobre um espelho tenebroso
de agua dormente,
cheia de magua...

Pobre corolla das ramadas!

MARULHO

Na noite lunar,
a voz d'ella acordava em meus sentidos
a cantiga amorosa das sereias...

— Conta baixinho para mim, querido,
a rhapsodia de amor de um frio beijo de onda,
do beijo de perfidia,
que uma voluptuosa
ondina deu no peito musculoso
de um rochedo abrupto...
Conta, ó meu amado,
o bruto entrechocar dos dois corpos amantes,
o grito de prazer que o monstro de granito,
ao contacto sensual da fragil carnação,
soltou para a noite,
como se fosse uma garganta humana...

Lembra o momento extremo em que essa luxuriosa
ondina, ebria de goso, derramou
pelas fórmas titanicas da pedra
a farta cabelleira a gottejar espuma...
...branca espuma de verde agua marinha...

Lembra, ó Poeta amado,
a canção desvairada
em que o masculo athleta,
na divina embriaguez das sensuaes caricias
dos frageis corpos molhados,
canta, enternecido,
á luz glauca da ardentia,
a dor que elle sentiu, ao ver-se abandonado
por aquella que o amára
com todo o vigor
do seu coração forte
de coisa inanimada...

Ouves um soluçar na immensa noite oceanica?...

SONHO PAGÃO

Sobre o lago de prata,
pallido, frio, se desata
o triste luar do mez de agosto...

Mysterios do sol-posto...
Quantos abraços pela relva!
Quantos desmaios pela selva!

Brancos lirios humanos,
tremulos, ardem de desejos
atros, infindos de mil beijos,

...dos beijos babujados,
lubricos, quentes, demorados
dos faunos loucos e profanos,

corpos alvos, de neve,
á flor das aguas mergulhando
ebrios de goso, soluçando...

Toda a immensa floresta
arqueja e treme, em doida festa,
de amor, emquanto frio, leve,

sobre o lago de prata,
qual fino manto desmaiado
o luar de agosto se desata...

CANTARO
DE ARGILLA

Sê como a fonte
de agua viva a correr...
Cantaro de argilla em que a natureza,
pela bocca sedenta das raizes,
dá de beber
á esperança faustosa das ramagens...

CANÇÃO VOLUPTUOSA

Louca,
beija-me a bocca!
Quero sorver,
como uma abelha,
num longo beijo,
todo o prazer
que ha na vermelha
corolla ardente
do meu desejo!

Canta!
Quero escutar
a voz fremente
d'essa garganta!
Doida sereia
que a voz alteia
para enganar,
despe-te assim,
só para mim!

Vem!
Meu corpo clama
desesperado!
Branco peccado
que toda a chamma
do mal contém,
dá-me o calor,
dá-me o ardor
do teu amor!...

A ELEGIA
DAS ROSAS

Antigamente ella me dava rosas,
rosas e beijos, quando eu ia vêl-a ;
rosas de outr'ora, beijos do passado,
vindos dos seios e dos labios d'ella...

Tive saudades, quiz de novo vêl-a
e fui achal-a em sombras dolorosas,
na paz eterna de uma sepultura.

Mas a crueldade d'este amor não finda :
num testemunho de quem ama ainda,
na sepultura do meu ente amado
floriam rosas de lirial brancura.

HERMAPHRODITA

Andou primeiro
do platano copado,
que derramava pelo sólo, recamado
de folhas amarellas,
uma sombra deliciosa,
ao moital de verbenas
em que, para a espreitar, enamorado,
nas horas serenas
de sésta, pelas tardes calmas,
se escondia o bicorne capripede.
Depois, arrancou do loureiro sagrado
um galho resequido
e, por encanto, tornou-o florido...

—Seja bemdito o arvoredo sagrado!

Beijou uma por uma
as arvores do bosque,
e os nardos e as acacias e as açucenas,
beijou tanto
que, pelo ambiente,
se espalharam miraculosamente
perfumosas essencias...
Em requebros de danças,
cantou para attrahir ás franças
os pipilos suaves
das aves.
Rolou-se pela relva e, já por fim, cançada,
de volupia e de goso, a carne immaculada
foi mergulhar nas aguas...
Por encanto, tambem desabrocharam lotus
aos reflexos dos seus olhos na agua dormente,
que a antegosava voluptuosamente...
Ella sorriu para o espelho do lago...
Cantaram as aves. Pelo azul da esphera,
um sorriso de luz bemdisse a primavera!

OLHOS VERDES

Nesses teus olhos verdes, meu amor,
anda o mysterio de traição
que têem as ondas, quando dão beijos. .

O beijo dos teus olhos
lembra a caricia de uma ondina
no torso herculeo de um rochedo...

Eu amo o beijo dos teus olhos...

MATINAL

Lá fóra, no jardim,
minha noiva querida
anda espalhando a vida...
Seus labios mysteriosos
desfolham para mim
mil beijos deliciosos
de perfumes e côres...
Alvoradas de agosto...
Ai ! como é bom viver,
ai ! como é bom amar,
sentir essa mulher,
que anda, dispersa no ar,
desabrochando flores,
nos dar beijos no rosto !

SPES, ULTIMA DEA

(De Stechetti)

Eu disse ao coração,
disse ao meu pobre coração:
—Qual a razão
d'este langor
a d'este desconforto?
E elle me respondeu:
—E' morto o amor...
Eu disse ao coração,
disse ao meu pobre coração:
—Porque esperar, então,
se o amor é morto?
—Morre quem desespera,—elle volveu.

AS ANDORINHAS

As glycinias do jardim
perto da minha janella
estão floridas.
Ha vivo aroma de rosas
embalsamando a tarde ...
Tudo, querida, como tu deixaste:
a casa, os moveis brancos do teu quarto
trescalando ao perfume
que usavas nos cabellos,
tuas coisas queridas:
o gatinho cinzento,
a trepadeira da janella ...

Tudo querida, como tu deixaste.
Já te não lembras mais de mim ?
Por que não voltas ? Dize:
Não eras tu feliz
vivendo aqui commigo ?
E' verdade, — esqueci-me de dizer-te:
se voltasses agora,
só não havias de encontrar
as andorinhas do beiral da casa.
Essas partiram, quando tu partiste,
e como tu, tambem, não querem mais voltar...

PELA VOZ
DOS BRONZES

Ah! soluçantes, dolorosos dobres,
sons de amargura aos bronzes arrancados...
Mornos queixumes, languidos, maguados...
Ah! sino velho, que mysterio encobres?

Longos desfiles, doidas procissões
entre cyprestes lugubres passando,
enchendo a noite de almas e visões
os sossegados ermos assombrando...

Esqueletos esqualidos gemendo
com rosarios de maguas entre os dedos,
choros negros das orbitas correndo
na confidencia horrivel dos segredos...

Desenganos, pesares e lamentos
nos miserandos peitos abafados,
incomprehendidos, atros soffrimentos,
desesperos de lubricos peccados...

Quanta tristeza pela noite fria!
Quanto soluço pelo luar algente!
Rolam das torres, compassadamente,
as badaladas da melancholia...

Ah! noites frias, que me profundo agouro!
Ah! sino velho quanta dor encobres!
Guarda comtigo o teu perdido coro,
ó bronze, na plangencia dos teus dobres!...

FIDELIDADE

Naquella tarde que se derramava,
cego, sujo de pó, gesticulante,
pela primeira vez elle voltava
para o tugurio sem a sua amante.

O formigueiro tragico e ululante,
emquanto, com paciencia, elle esperava
que a indifferença de um transeunte
lhe atirasse uma esmola
na saccola,
levára-lhe a sua amante...

Esgrouviado e faminto um cão o acompanhava.

SEIOS

Maria,
os teus seios
alvinitentes,
lembram pedraria
com rubis engastados.
São pyramides de anceios,
turgidas, pallidas, olentes,
monumentos de amor, levantados,
mistos de aroma e luz, de carne e luar...
Seios rijos, mornos, calmos e serenos,
dais a minha alma em flor os lubricos venenos
com que me embriago e sonho e vivo a soluçar !...

O CAHIR
DAS FOLHAS

Um punhado de folhas rodopia
no chão,
ao vento fresco da tarde...
Caem folhas pela estrada
deserta...

Folhas cahidas — illusões perdidas...

CONVERSA FUTIL

— Allô !
Quem falla ?
E's tú ? Não tinha conhecido.
Ha muito tempo já que eu procuro falar
mas não consigo ligação.
. . . . . .
Occupação... tens muita occupação...
Não ha uma só vez que eu possa conversar
comtigo, mal agradecido,
que não estejas occupado.
A principio era — tlim, tlim, tlim —, a toda hora,
hein ? !...
Não...

Estou somente aborrecida agora
por me teres mandado aquella carta.
Um poeta nunca escreve umas coisas tão feias...
Se achei ?

Pois tu disseste até que já me odeias,
que francamente estás enjoado...
Olha, ha muito tambem que eu de ti ando farta.
Não ?...

Sim ! julgas então que posso me esquecer
de tudo aquillo que escreveste ?
Escuta, nunca mais hei de te ver !
Oh !...

Não, é só mentira o que disseste.
Não vês logo !

Tão feio !

E depois elle veste
umas roupas assim tão... Jamais eu seria
capaz de namoral-o...

Ouve !

No mesmo dia ?
Ah ! já nem me lembrava... amanhã... Meu desejo
é que não faças mais...

Depois, custa tão pouco...

. . . . . .

...Um que ?

Endoideceste ? !

Estás ficando louco ? !
Como é que de tão longe eu posso dar-te um
beijo ? !

FATALIDADE

O roseiral
ficou na distancia, perdido...
Os mares em agonia
passaram, soluçando,
num coro sobrenatural,
pelo meu ultimo sentido...
Mão de esqueleto que me vai mostrando
o caminho ideal
da grande Salvação,
meu silencioso guia,

eu te sigo,
eu te acompanho á Redempção
nesta infernal descida!

Mão de esqueleto, eu te bemdigo!

O ultimo arquejo d'esta vida,
meu primeiro suspiro, ha de ser meu alento
primeiro para o fim d'este tormento
mortal que me angustia.

Augusta Fatalidade!
Augusta Fatalidade!

O NOVO EDEN

(Trecho da carta do padre Arsène de Paris ao padre Yves d'Evreux. 1612 — Occupação franceza no Maranhão).

«...Azul é eternamente
o céo d'estas abençoadas
terras e verdes somente
são as arvores copadas.

O frio, aqui, ninguem sente.
E que lindas alvoradas !
Nem o estio é muito ardente,
pois não ha folhas tostadas.

Eu vos asseguro, meu
Padre, que, mercê do Céo,
melhor estabelecidos,

Viveremos sem favor
como em terras sempre em flor
de paraisos perdidos...»

INVERNO

Chuva. Paizagem triste, esbatida, cinzenta,
com languidos desmaios de convalescente.
O arvoredo empapado, os baixos de alluvião
do campo a transbordar e a derivar em fios
de agua barrenta...
Tem-se a impressão
da natureza doente,
com subitos arrepios
de febre, ao perpassar do tresloucado vento.

Frieza, amollecimento, atordoamento...
Fuma, á distancia, uma casa isolada...
Nem um balido,
nem um mugido.
Somente, dos brejaes, sob a lugubre assuada
dos batrachios, vaiando na monotonia
do dia,
a tristeza da terra ao beijo da invernia.

TERRA
BEMDITA

Terra bemdita, agora em fogo e em chamma,
Porque é fecunda e é mãe soffre a tortura
da ardente secca que o seu ventre inflamma
e o seu vigor em morte transfigura.

O sol, o mesmo sol que lhe dá fama,
espalhando a alegria da fartura,
mata os vergeis, as matas desenrama,
queima e calcina as searas e a verdura.

Emtanto, apenas chega o inverno, a briza
lhe traz germen de vida. Eil-a de novo
a abarrotar celleiros para um povo !

Chuva, benção do céo que a fertiliza,
enchendo de agua os corregos enxutos,
abrindo-a em flores, rebentando-a em fructos !

TARDE
DE VERÃO

Porque será que, quando a tarde é calma,
ha uma estranha alegria na minha alma?

Das copas da alameda, ao vento brando,
as folhas seccas todas vão rolando...

Murmuram fontes... A agua tambem canta.
Tanta doçura pelas fontes, tanta!

Ha um fremito subtil no insolamento
da ramaria, ao perpassar do vento.

Gorgeios... um rumor muito distante
de passos abafados, mais adiante...

Uma andorinha solitaria vôa...
Quem saberá por que anda assim á tôa?

Por que será que quando a tarde é calma
ha uma estranha alegria na minha alma?

Oh! tardes de oiro do verão!

MELOPÉA

Nunca mais pude vel-a !...
A's noites, quando o luar
merencoreo e silente
vinha beijar
as grades da janella,
a sua voz dolente
e apaixonada,
subia pelo ambiente,
misturava-se ao cheiro
das rosas d'um canteiro
no jardim da morada.

Extasiado, escutava
aquella voz divina
e soluçava
em surdina...

Nas tardes de verão,
á hora crespucular
ella vinha ao portão
e, esquecida, a cantar,
esperava que a escuridão
a obrigasse a accender
uma lampadazinha
que ardia para allumiar
a sua boa avozinha
de cabellos de algodão...
E embalava docemente
o somno da velhinha
com uma canção dolente...

. . . . . .

Nunca mais pude vel-a como outr'ora!
Nunca mais!... Nunca mais!...

. . . . . .

E os echos soluçaram noite em fóra:
— Nunca mais!.. Nunca mais!...

VISÃO

O coro das Vestaes em orações.
Mysterios profanados... Senadores.
Tribunos excitando multidões
contra Carthago. Escravos e lictores.

Buccolicas poesias de pastores...
O Tibre em torvelins. Passam legiões
de longinquas campanhas... Gladiadores,
christãos, na arena, o fero urrar dos leões...

Columnas e arcos. Togas. Iguarias
remotas... Messalina entre os anceios
dos meus beijos febris... Loucas orgias !

E, ebrio de goso, vejo, moribundo,
Roma incendiada... vinho, sangue, seios...
— Que grande artista vai perder o mundo !

MOCIDADE

E assim, juntos os dois, essas estradas
longas, percorreremos a cantar...
Hão de exaltar-te as flores das ramadas
e os ninhos hão de te glorificar!

Passaremos... Estrellas, desmaiadas
ante o esplendor de luz do teu olhar,
hão de dizer, das nuvens debruçadas,
que és a revelação de um novo luar...

Juntas, assim, na mesma communhão,
ambas vivendo para o mesmo ideal,
as nossas almas caminhando irão...

E ha de incitar-nos na adversidade
e no perigo contra todo o mal
a minha, a tua, a nossa mocidade !

LUNAR

Monja branca do céo,
nos seus jardins claustraes
anda a lua a vagar...
Brando véo
de luz opalescente
fluctua-lhe no corpo immaculado...
...luz branda, luz tristonha, luz nevoenta,
que as coisas todas adormenta

e num somno caricioso faz
sonhar...
E vai passeando a monja triste,
a triste monja lirial,
pelo florido roseiral
desabrochando em pompas estellares
no alto céo merencoreo...
Pela terra silente,
ha reflexos vagos
na agua revolta dos mares
e na agua mansa dos lagos...
Sob as frondes sussurrantes
ha sombras vaporosas,
errantes,
trocando juras amorosas
que fazem desfalecer
de pudor
as corollas virginaes.
E vai, a triste lua somnolenta,
monja branca do céo
nos seus jardins claustraes
lentamente a vagar,
a vagar...

TRISTE ESPERA

O' minha Primavera!
O' meu poema de amor das ramagens floridas!
Minha doce lembrança
das horas doloridas
e das alegres horas cheias de esperança...

Ha quanto tempo já meu coração te espera!...

E' debalde que espreito as curvas dos caminhos,
em vão é que interrogo o mysterio das coisas.

Já não mais me respondes...
Os proprios ninhos,
silenciosos, debruçam-se das frondes,
ha por tudo a mudez funeraria das loisas...

Que differença agora,
Primavera,
de quando vinhas outr'ora,
engrinaldando as ramadas,
enchendo de vivo aroma
a infinita redoma
d'estes céos immensos!
Hoje está tudo tão frio!
Tão frio!
Que expressão de tristeza
e de arrepio
ha nas copas encharcadas!...

Quero guardar as minhas illusões:
Parece que este inverno assim, de chuva e bruma,
desertos põe os nossos corações,
roubando-as uma a uma.

Receio que não voltes, Primavera,
que nunca, nunca mais tu venhas!..

Não te detenhas:
deverias vir... vem! meu coração te espera...

A CAVALGATA DO ASSOMBRO

— Ao sangue ! — brada do alto uma voz de trovão.
E eu, tremendo, galopo em furia desabrida,
no corcel do Pavor, tocado a toda a brida,
para espalhar por tudo a morte e a destruição.

— Ao saque !—torna a voz.—Redobrar a corrida !
Passar por tudo infrene, assim como um tufão !...
E vou deixando o poente envolto num clarão
de floresta incendiada e terra comburida...

—Sangue, mais sangue !—do alto a rouca voz reclama :
—Que se transforme a terra em sanguinosa lama, nada fique de pé ! — ... Refaço a minha cohorte.

E victoriosamente a Paz acommettendo,
ganho forças, deixando atraz o poente ardendo
num medonho estertor de agonia e de morte !

VELHA CASA

Ficá á beira da estrada
a velha casa abandonada...

A' hora longa da tarde,
quando já não mais arde
no poente
o brazeiro do sol,
á hora suave das recordações
em que os menores ruidos

expiram no ar,
vagos, enlanguescidos,
e os primeiros balões
chinezes do aranhol
do azul começam a brilhar,
parece que da morada,
do velho solar,
sobem uma voz abafada
e um vago rumor de passos
fofos, lassos...

Depois, volta á quietude
e ao primitivo abandono.
Somente, a quando e quando,
quebram a solitude
no seu pesado somno,
as vozes auguraes
dos palmeiraes
ao vento farfalhando...

POBRE AMOR...

Ah ! como dóe o rigor
d'esta invernia ! . .
Meu amor, meu pobre amor,
não vás morrer assim,
tão pallida e tão triste,
como morrem de frio as corollas fanadas,
que ás rispidas rajadas
a ventanía
brava
esfolha.

Ai ! não queiras, não, morrer
meu pobre amor...
Olha,
vê como a chuva, impiedosa,
lava
a deserta pradaria
outr'ora verde e cheirosa,
exhalando
á luz pallida e fria
do luar cinereo,
a voluta aromal dos perfumes florindo...

Como dóe o rigor
d'esta invernia,
para quem vive esmolando
sem um pouco de lume
que lhe venha aquecer
o corpo enregelado
e dorido
de caminhar em vão !...

Pobre amor !
Meu pobre amor !...

A DANÇA MACABRA

A dançarina de fogo,
ao vento lugubre da noite escura,
dança o bailado da loucura
no frio palco do chão...
Sinistra labareda
que afinal nos leva á quéda
da perdição...

A dançarina de fogo ?

LEMBRAS-TE ?

— Lembras-te?... como é triste evocar o passado!
— Foi um sonho sem luz pelo vento levado...

— Amas-me ainda, dize! ou nem mais te recordas
dos extases de outr'ora, ao vibrarmos as cordas
da guitarra do amor?

— Quererás esquecer?
Não sentes outra vez dentro d'alma, essa dor
que já nos fez soffrer?

— Acaso uma illusão em teu peito ainda existe?
— Que illusão póde ter quem vive assim tão triste?

— E dos sonhos, algum na tua alma ainda vive?
— Rolaram um por um, de declive em declive...

— Ha entre nós dois, agora, o espaço de um abysmo.
— E' á beira d'elle, amor, que amargurada eu scismo.

— Ainda sinto o calor dos teus labios nos meus.
— Na lembrança inda trago a caricia dos teus.

— Queimavam como fogo os beijos que me deste.
— Era a chamma do amor que tu me prometteste.

— Lembras-te?... como é triste evocar o passado;
— Foi um sonho sem luz, pelo vento levado...

VILHANCICO

I

Espanto, medo, inquietação...
Para a solemnidade, desabrocha
a grande flor de sombra
da noite tropical,
povoada de phantasticas theorias
de lendarios guerreiros e de monstros
e de extraordinarios animaes
das florestas brasileiras...

— Era uma vez...
— Conte a historia da Tia Onça...
— Não ! conte a da Maria Borralheira...

E o contador de historias do sertão,
conduzido ao saber da ingenua inspiração,
enche de espanto e medo as noites do terreiro...

II

O mysterioso véo
silente
da noite, que se aproxima,
vem accender scintillações
breves, de pyrilampos, nas ramadas,
e brilhos incertos de estrellas no céo...
Crepíta a lenha nos terreiros...
A voz dos cantadores
Junta-se á voz dolente
dos violões...

Ah! plagencia divina dos violões brasileiros!

III

Carro de boi aos trancos pela estrada
poenta, a horas longas de sol-posto...
Eu penso em minha vida amargurada,
nos versos tristes que componho
pela saudade
que me invade
em horas longas de sol-posto...

IV

Espirito supersticioso
da minha raça — treva, medo...
Velho arvoredo
rumoroso,
contemporaneo dos conquistadores
do solo brasileiro...
Lendas, assombrações contadas no terreiro...
Artistas, quem vos fez assim mostrar
a alma triste da minha gente?...

"O sertanejo é antes de tudo um forte."
Teu nome ha de zombar
da propria morte,
Ó Euclydes da Cunha, ó barbaro eloquente!

REQUIEM

Que estranha cathedral de torres denegridas
e velhos paredões
é esta que, ao sol-pôr,
escancarando as portas
como boccas de horror,
derrama pela tarde as notas doloridas
de funeraes canções?

— E' a velha cathedral das tuas crenças mortas.

Como geme o arvoredo
ao perpassar do vento !
Por que me enche de medo
Esse corvo agoirento
que a aza negra no céo do crepusculo espalma
e com sinistros ais
da hora angelica turba a inexprimivel paz ?

—outr'ora, em vez de corvo, uma andorinha havia
que, pela tarde calma,
o campanario enchia
da mais doce alegria

E o sino dobra, na melancolia da tarde...

Que amargurado som !
Que tão pungente voz !
Bronze, que quer dizer
teu lugubre tanger,
teu soluçar atroz ?
— E' o rebate final das tuas illusões.

INDICE

A NAU QUE VAI Á VELA
A partida 13
Mar alto 15
Borrasca 17
Depois da procella 21
O ULTIMO FAUNO 23
NENIA 25
MARULHO 27
SONHO PAGÃO 29
CANTARO DE ARGILLA 31
CANÇÃO VOLUPTUOSA 33
A ELEGIA DAS ROSAS 35
HERMAPHRODITA 37
OLHOS VERDES 39
MATINAL 41
SPES, ULTIMA DEA 43
AS ANDORINHAS 45
PELA VOZ DOS BRONZES 47
FIDELIDADE 49
SEIOS 51
CAHIR DAS FOLHAS 53
CONVERSA FUTIL 55
FATALIDADE 57

O NOVO EDEN 59
INVERNO 61
TERRA BEMDITA 63
TARDE DE VERÃO 65
MELOPÉA 67
VISÃO 69
MOCIDADE 71
LUNAR 73
TRISTE ESPERA 75
A CAVALGATA DO ASSOMBRO 77
VELHA CASA 79
POBRE AMOR ! 81
A DANÇA MACABRA 83
LEMBRAS-TE ? 85
VILHANCICO
I 89
II 91
III 93
IV 95
REQUIEM 97

Acabado de imprimir a 20 de maio de 1924 nas officinas da Typogravura Teixeira, a Praça João Lisboa, n. 4. S. Luiz.

1800

ERRATA

A' revisão d'este livro escaparam varios senões ortographicos que o leitor facilmente encontrará. A errata, pois, deve limitar-se a alguns versos mutilados devido a enganos do compositor ou da revisão. Devem ser lidos assim, esses versos :

Pag. 48—Ah ! noites frias, que profundo agouro !
Pag. 62—Somente dos brejaes sobe a lugubre assuada
Pag. 63 – Cresta os vergeis, as matas desenrama
Pag. 91—Ah ! plangencia divina dos violões brasileiros !
Pag. 90—Conduzido ao sabor da ingenua inspiração,

J8.C

University of N.C. at Chapel Hill
00004440527